

**Luz da Lua**  
Livro 2

# Luz da Lua

o Arco do Vento Cortante

2º Edição

**DIEGO MEDEIROS**

# Luz da Lua

O Arco do Vento Cortante



Diego Medeiros

Copyright© 2016

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa  
Diego Medeiros

Revisão  
Raquel Simões

Diagramação  
Diego Medeiros

Editor  
Diego Medeiros

É proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento do autor. Esse livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedido a Editora Clube de Autores. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

*Aos meus enteados Matheus e Cristiano, à minha filha Sophia, e a todos os leitores de “A Caçada do Imortal”, obrigado.*



# Prólogo

Mesopotâmia, mais ou menos 3 mil anos a.C.

Quando a noite caía no deserto, trazia com ela as baixas temperaturas. A cabana da bruxa ficava em um local isolado do resto da grande cidade murada de Ur, bem isolada e de difícil acesso. Ninguém se aventurava por lá. A bruxa era uma mulher bonita, muito até para os padrões da região e de aparência bem jovem. Mas os boatos na cidade diziam que ela era muito velha. Muito mais do que qualquer ancião da cidade, que já eram bastante idosos, com mais de cem anos de idade. E mesmo assim ela mantinha a aparência de uma mulher que mal completou vinte. A resposta para isso era apenas uma; bruxaria, e das ruins.

Já estava bem escuro, em uma noite de lua escondida, quando Kalur, um jovem soldado que patrulhava as ruas da cidade, avistou alguém fora de casa. O rei havia dado ordens para todos se recolherem para suas casas quando o sol se escondesse, fosse homem livre ou escravo. Mas havia alguém na rua, andando sem rumo. Ele chegou mais perto, e viu então que eram dois. Um homem e uma mulher, vestidos com mantos esvoaçantes.

— Alto lá! — bradou o corajoso Kalur. — Quem são vocês? Não sabem do toque de recolher?

O casal se virou lentamente para o soldado, que começou a vacilar. De repente ele sentiu o corpo pesado, como se uma forte pressão estivesse sobre sua cabeça e seus ombros.

—Vai querer este? — sussurrou a mulher, uma cabeça mais baixa que o homem.

—Sabe que eu não gosto de homens. — respondeu ele. — Fique à vontade.

Em um piscar de olhos, a mulher já estava na frente de Kalur, vencendo uma distância de duzentos metros em menos de meio segundo. O soldado se assustou e tentou estocar a lança na desconhecida ao ver seus olhos completamente negros com um brilho sinistro. Mas ela simplesmente imobilizou seus braços e o beijou, um beijo simples e tenro, porém com erotismo o suficiente para que ela roçasse sua língua na dele. Kalur foi então se sentindo fraco, perdendo as energias até que caiu inconsciente no chão.

—Energia vital é muito mais deliciosa que energia sexual, não concorda, Vincensi? — disse ela, de olhos fechados, apreciando a energia que tinha acabado de sugar correndo pelo seu corpo.

— Em parte sim, Yuka. — respondeu o homem, erguendo o soldado e o encostando no muro, colocando—o sentado para que aparentasse dormir. — Mas às vezes eu preferia que você não tivesse me mostrado isso. Agora estou viciado.

— Ora, o que tem demais? É tão bom sentir a vida dessas criaturas inferiores correndo por nossos corpos.

— O problema é que é ilegal! A rainha nos proibiu, esse tipo de alimento nos expõe, nos obriga a atravessar a *barreira*. Além de matar os humanos, na maioria das vezes.

— São macacos! São seres inferiores, burros e indisciplinados! Não me admira que tantos queiram acabar com eles! Qual o problema de adiantar o serviço e nos alimentar também?

— Nossa função é corromper, Yuka! — disse ele, impaciente. — Nós devemos fazer de tudo para que eles se entreguem aos pecados e aumentem as fileiras do exército imperial!

— Estou te estranhando, Vincensi. — ela disse, ironicamente. — Está querendo trocar de lado? Quer se unir aos *penudos* de Rafael, defendendo os humanos?

— Nunca! Eu sou um demônio, e me orgulho disso! — respondeu ele, indignado. — Só não gosto de descumprir as leis da rainha!

— Está bem, que seja, vamos procurar logo o que viemos encontrar! Devem haver mais patrulheiros na rua!

— Estamos vasculhando essa cidade já tem três noites. A fonte de energia não está aqui.

— Tem que estar, nós sentimos ela nessa região! Eu posso sentir ainda, uma aura poderosa... você também pode, não é?

— Posso. — respondeu Vincensi, olhando para o muro de pedra de dez metros de altura. — Mas eu acho que ela está lá fora, não aqui dentro.

— Vamos ver, então! — ela o puxou pelo braço, e foi seguindo até o muro. Os dois escalaram com suas garras de demônio, protegidos pelas sombras da noite e atravessaram sem serem vistos pelas sentinelas.

Andaram por várias horas pelo deserto, tentando localizar a direção da fonte da aura, até que viram ao longe um ponto luminoso. Era uma cabana em forma de meia esfera, localizada em uma depressão na areia. Do lado de fora, estacas com crânios de humanos e de animais. O casal de demônios foi andando normalmente, ignorando os avisos macabros.

Entraram e viram uma mulher, sentada em uma mesa de madeira tosca e mal talhada. Dentro da cabana, haviam animais engaiolados, plantas, esqueletos e fetiches espalhados por todo o local. A mulher sentada tinha os cabelos negros muito volumosos, a pele bronzeada como dos habitantes locais. Usava apenas uma saia de lã entrelaçada, uma tira de couro peludo protegendo os seios, e vários colares e pulseiras de dentes e garras. Abriu os olhos e encarou os visitantes, sorrindo maliciosamente.

— Vieram até Syn atrás de cura, previsões ou feitiços? — perguntou ela, abrindo os braços para os visitantes.

— Teremos que dividir esta, Vincensi. — disse Yuka, visivelmente empolgada. — Ela tem muita energia vital, consegue sentir?

— Consigo. — respondeu ele, perdendo o autocontrole e babando pela energia vital da bruxa.

Yuka avançou, pulando para cima da mulher com os olhos negros, pronta para sugar sua energia, quando Syn se levantou e cravou um punhal no seu peito. Normalmente não faria efeito nenhum, pois demônios eram

imunes a ferimentos normais. Mas algo estava errado, pois a demônio gemeu de dor e caiu inconsciente no chão. Segundos depois, seu corpo começou a murchar e se desfazer, virando uma pasta preta e malcheirosa.

— Você... o que é isso? — perguntou Vincensi assustado, olhando o punhal na mão da bruxa. Parecia um simples punhal de osso com cabo de madeira.

— Isto, — respondeu ela, limpando o sangue negro de demônio na língua. — é uma arma feita para me defender de criaturas como vocês. Funciona tanto em anjos fracos quanto em demônios também. Levei centenas de anos para prepará-la. Ou você acha que são os primeiros a tentar me eliminar?

— Eu... — Vincensi ficou sem reação. Não era um demônio combatente. Sua casta, os *inccubi*, tinham a função de levar as mulheres e homens homossexuais à extrema luxúria e corromper suas almas, para se alimentar da energia sexual deles. Mas aquela mulher parecia ser forte e muito mais corrompida do que o normal.

— Calma, não irei lhe ferir se você se comportar. — contornou a mesa e se aproximou dele. — Tire o capuz, quero ver seu rosto.

Ele baixou o capuz e revelou um rosto que fez Syn arfar. Era um homem belíssimo, de uma pele negra reluzente, o cabelo cortado milimetricamente, os olhos negros brilhantes, o rosto simétrico e perfeito.

— É o primeiro demônio lindo que vem atrás de mim. Os outros eram todos brutos com barbas grandes e faces cheias de cicatrizes. De que espécie você é?

— Sou um *inccubus*. Não recebi nenhuma missão de lhe caçar, apenas... queria me alimentar de sua energia.

— *Inccubus*? Então você é diferente... — ela passou a mão pelo seu rosto e pelo seu corpo, sentindo seus músculos. — O último que eu torturei disse que era um *venatus*! Era bem diferente de você ou sua amiga.

— *Venatus* são caçadores. *De anjos ou demônios fugitivos. Por que eles viriam atrás de uma bruxa humana?* — pensou.

— Por que eu não sou uma bruxa humana qualquer. — respondeu ela. Vincensi arregalou os olhos. — Posso ler seus pensamentos, sou muito mais forte do que você pensa. Tenho algumas perguntas para você, sente-se. — indicou um monte de palha em um canto da cabana, e voltou a sentar-se no banco atrás da mesa. — Dependendo de suas respostas, eu terei uma proposta para você. Senão, você pode ir embora sem ser morto.

— Fique à vontade. Não mentirei, já que você pode ler pensamentos.

— Muito bem. — Syn cruzou as mãos e pousou sobre a mesa. — Quem é o líder da sua espécie, ou casta, como vocês chamam?

— Lilith, a rainha dos demônios, concubina de Lúcifer.

A bruxa sorriu, era exatamente o que queria ouvir. Esperava por um servo de Lilith há muitos e muitos anos.

— O que os demônios de sua casta fazem e do que se alimentam?

— Nós corrompemos os humanos para que se entreguem aos pecados, e nos alimentamos da aura em forma de energia sexual que eles libertam.

— Sério? Mas parece que sua amiga queria me matar, não ter relações comigo.

— Yuka descobriu uma maneira de se alimentar da energia vital, ao invés da sexual. É mais nutritiva e consegue nos manter materializados por mais tempo, mas...

— Mas o que? — perguntou a bruxa, erguendo uma sobrancelha.

Ele hesitou.

— É proibido! A duquesa Lilith proibiu, pois isso mata os humanos em vez de corrompê-los. Humanos mortos à força por demônios vão para o Paraíso geralmente, eu acho.

— Ora, isso é grave então? E Lilith é tolerante com quem descumpra as ordens dela?

— Não. — Vincensi baixou a cabeça. — Se ela descobrir, irá me declarar traidor e me executar.

— Oh, mas que pena. — Syn colocou o queixo sobre as mãos. — Seria um desperdício, um... Homem, tão lindo, reduzido a uma gosma preta e fedorenta, não é verdade?

— O que você quer de mim, afinal? — o demônio estava curioso. A bruxa se levantou, andou até ele e sentou em seu colo, passando os braços pelo seu pescoço.

— Você disse que precisa da aura para se manter materializado, não é? O que acha de, digamos, mudar sua dieta e se manter no mundo físico para sempre? O que acha de ganhar novos poderes, deixar essa vida de escravidão e servidão no Inferno e se tornar um rei na Terra?

— Mudar minha dieta? Como assim? O que pretende?

— Eu venho desenvolvendo há alguns anos um novo ritual, mas eu precisava de uma criatura poderosa para... Testar. Se você acha que energia vital é mais nutritiva que energia sexual, eu te apresento uma substância ainda mais, digamos, *encorpada* que as duas juntas. E tem em abundância por aí, e para sugá-la você não precisa fornicar com ninguém e nem matar, se mantiver o controle.

— E que substância seria essa? — Vincensi perguntou, já mais à vontade com Syn, passando a mão pelo seu belo rosto. Ela sorriu e deu um beijo leve em seus lábios carnudos.

— Sangue! — ele entortou as sobrancelhas, intrigado. — Interessado?

# Capítulo I

## *A Rainha dos Demônios*

Inferno, alguns dias atrás.

O *Vale dos Ventos*, como era chamado o segundo reino do Inferno, não tinha esse nome à toa. Com uma paisagem árida e montanhosa, formada por rochedos e penhascos com pontas agudas, era fustigado eternamente por ventos de mais de cento e cinquenta quilômetros por hora, e uma chuva torrencial por toda eternidade. Os espíritos que ali eram aprisionados foram pessoas que em vida foram tão levadas por suas paixões a ponto de cometerem pecados terríveis. Tinham seu peso e sua densidade reduzidos, de modo que eram sempre arrastados pela tormenta e arremessados contra os penhascos e as escarpas, rasgando a carne e criando hematomas com os impactos, que logo depois eram curados, para novamente continuarem sendo castigados. Mas para Balron, que estava passando por ali naquele momento, o vento era apenas um incômodo suficiente para caminhar protegendo os olhos.

A aparência de Balron não era de um demônio típico, mas era claro que era um monstro. De corpo largo e roliço, tinha a pele avermelhada

como cobre em brasa. Seus antebraços eram cobertos por espinhos largos e afiados, assim como o topo de sua cabeça reluzente. Os olhos eram negros e brilhantes, e ele possuía duas fileiras de dentes serrilhados como os de um tubarão. Era a aparência típica de sua casta, os *venatus*, os caçadores do Inferno. Eles eram demônios escolhidos entre os condenados mais cruéis e habilidosos em combate quando vivos, para integrar as fileiras do exército infernal. Naquela ocasião, estava vestido como seu posto de cavaleiro exigia em ocasiões formais, com uma placa peitoral feita do ferro enegrecido, porém resistente, da cidade infernal de Dite. Trazia em sua cintura sua arma, uma espada longa estilo medieval também forjada do mesmo ferro, e placas menores protegendo os braços e tornozelos.

Depois de horas, ou talvez dias caminhando, desde que foi deixado na margem do rio Aqueronte por um dos servos de Caronte, o demônio finalmente vislumbrou ao longe o castelo da duquesa Lilith, a rainha dos demônios. Era uma construção entalhada na rocha, grande para as proporções mortais, com torres de mais de trezentos metros de altura. O que mais chamou a atenção de Balron foram os formatos fálcos das torres. Todas elas tinham formas, se vistas ao longe, de órgãos sexuais masculinos rígidos.

Após mais algumas horas, o *venatus* chegou finalmente à ponta da escadaria principal do castelo. Era uma regra criada pelo imperador Lúcifer que toda a escadaria principal de todos os castelos no inferno deveriam ter seiscentos e sessenta e seis degraus. Para ele o número não tinha significado nenhum, apenas mais um absurdo que os humanos inventaram sobre ele. Mas como tinha um senso de humor perverso, decretou essa lei quando o número 666 foi citado. No final do último degrau, o cavaleiro demônio encontrou um pátio largo de cem metros, que antecedia à enorme porta do castelo. O demônio que a guardava era um gigante da casta *gargulis*, que eram quase tão fortes quanto os *venatus*, mas eram mais empregados nas funções de torturadores e administradores, assim como nas guarnições de defesa dos castelos, enquanto os outros cumpriam missões especiais na Terra e em outros planos. O sentinela era um homem grande, de quase cinco metros de altura, com músculos saltados e bem definidos, e aparência típica de sua casta; chifres de cervo pontiagudos, rabo pontudo e asas de morcego. A sua pele, no entanto, era de um tom lilás vibrante. Porém o que mais incomodou Balron foi que o sentinela, de

braços cruzados segurando uma lança, estava nu. Se tivesse um estômago, certamente estaria embrulhado nesse momento.

— Quem vem lá? — perguntou o sentinela, com a voz grossa, exibindo os dentes brancos e largos.

— Sir Balron, cavaleiro *venatus*, a serviço do conde Fragos, prefeito da cidade de Fragos, no vale do Deserto Abominável.

— E que negócios um nobre do sétimo reino tem a tratar aqui, tão longe? — perguntou o guarda, sorrindo e acariciando a ponta da lança.

— Vim a convite da própria duquesa Lilith! — e exibiu um pergaminho com o selo e o brasão de armas da rainha das *succubi*.

— Pois bem... — respondeu o guarda, abrindo caminho e empurrando a pesada porta. — Seja bem-vindo ao *Castelo da Luxúria!* Entre e se entregue aos seus prazeres mais insanos e perversos!

*Nem fodendo!* Pensou Balron, ironicamente, ao passar muito próximo ao sentinela.

O interior do castelo de Lilith era como uma caverna selvagem, com paredes e teto circulares, com estalagmites e estalactites. Porém, um olhar mais atento revelou ao *venatus* que tudo naquela fortaleza remetia a sexo. O relevo das paredes eram nádegas e seios femininos, enquanto as portas e passagens eram lábios superiores e inferiores de vaginas abertas, assim como as estalagmites e estalactites eram falos de diversos tamanhos. Uma *succubus* veio até ele flutuando com suas pequenas asas de besouro e cabelos negros, abraçou seus ombros definidos e sussurrou:

— A rainha dos prazeres o espera, meu bravo cavaleiro. Siga—me.

Balron pensou que não tinha escolha e seguiu a *succubus*, subindo as escadas do castelo enquanto ela planava à sua frente. Ao chegarem ao salão principal, o demônio teria ficado chocado, não fossem os mais de oitocentos anos de vivência no Inferno. O local era uma orgia infinita. Demônios e espíritos condenados, casais, trios, quartetos e até grupos com mais de dez pessoas faziam sexo ininterruptamente de todas as maneiras. Casual, dupla penetração, bondage, podolatia, estupro, sadomasoquismo, zoofilia... O local era um cenário que nem a mente mais perversa do maior diretor de filmes pornográficos do mundo poderia imaginar. Do outro lado da entrada, sentada em um trono de pedra com almofadas escarlates, esculpido em forma de um casal copulando, estava a rainha das *succubus*, duquesa Lilith. Era uma mulher de beleza anormal, perfeita, quase divina, que fez com que até mesmo o frio e contido Balron ficasse com o pulso

acelerado. Tinha a pele bronzeada, o corpo escultural, os cabelos negros e reluzentes levemente ondulados. Ao ver o *venatus* aos pés da escadaria que levava ao seu trono, a duquesa levantou—se e dispensou seus parceiros sexuais que a satisfaziam.

— Você deve ser Balron. — disse a rainha dos *succubus*. Sua voz era melodiosa e sensual. — O duque Malebolge deu ótimas recomendações sobre você.

— Sir Balron a seu dispor, duquesa! — respondeu o *venatus*, em uma reverência honrosa.

— Preciso de um favor muito importante seu, meu caro.

— Senhora, perdoe a ousadia, mas, podemos conversar em um local mais... Tranquilo? Os gemidos atrapalham minha audição.

— Oh, mas que estupidez a minha, claro! Venha comigo. — e o conduziu até a uma das sacadas mais afastadas do salão, de onde era possível vislumbrar quase todo o reino tempestuoso.

— Eu costumo tratar muito pouco com a sua casta, sir Balron, então me esqueço que vocês são famosos pelos sentidos aguçados. Todos aqueles gemidos e o cheiro de sexo deviam estar embaralhando a sua mente, não é verdade? — ele apenas concordou com a cabeça. — Eu costumo dizer que meu reino é o mais justo e agradável do Inferno. Aqui, os condenados que estiverem dispostos, podem sair de toda essa ventania e adentrar no meu prazeroso e confortável castelo, seja como escravo sexual, ou mais tarde, transfigurados em *succubus* e *inccubus*, dependendo do talento. — virou—se e sentou no parapeito. Estava completamente nua, e se não fosse as orelhas pontudas e olhos flamejantes, passaria por uma mulher linda e comum. — Claro que existem uns falsos puritanos que preferem o castigo à se entregarem aos prazeres da carne.

— Entendo. Mas em que posso ser útil, duquesa?

— Simples e direto, como um bom soldado, hein? — materializou em sua mão um pergaminho e entregou a Balron. — Quero que a elimine, e não deixe nenhum vestígio de seu espírito, essa fugitiva. Ela se materializou na Terra, e descobriu um jeito de suprimir sua aura demoníaca, ficando muito difícil de ser rastreada. Mas não impossível eu espero, por isso pedi ao duque Malebolge que me indicasse um de seus melhores cavaleiros.

O *venatus* olhou para a foto no pergaminho chamuscado. Era uma mulher de olhos verdes, pele branca e cabelos pretos e lisos.

— Ela é uma fugitiva de sua corte? Devo matá—la, então?

— Totalmente, e evite falar com ela. Era uma das minhas melhores servas, mestra em persuasão. Eu já enviei alguns *spectris* que encarnaram em humanos para espionar, e descobri sua localização. Pelo menos a cidade. Chama-se Juiz de Fora, fica em um país chamado Brasil.

— Não sei de nenhum portal aberto nesse país. — os portais abertos para o inferno haviam aumentado depois da Grande Hecatombe que assolou a Terra em 2012, mas apenas em lugares onde a mortandade foi muito grande. Havia seis conhecidos, e nenhum era no Brasil.

— Não, não há mesmo, é um país bem protegido magicamente, por lobisomens, magos e por anjos também. O portal mais próximo fica em Iucatã, no México, mas como eu tenho um pouco de urgência, preciso que você se materialize direto na cidade mesmo. Claro que seu pagamento será maior, já acertei tudo com seu suserano, o conde Fragos.

— Entendo. Sendo assim, senhora, não tenho mais nenhuma dúvida, e peço para me retirar e partir imediatamente para cumprir missão.

— Ora, mas já? — ela fez beicinho, e passou as mãos delicadas por trás do pescoço de Balron. — Você está no palácio do orgasmo, a terra dos prazeres infinitos. Não vai se divertir nem um pouco?

— Agradeço o convite, minha senhora, mas quanto mais rápido eu partir, mas rápido eliminarei a... — olhou para o nome gravado na foto. — Sadie, em nome de vossa justiça.

— É, tem razão. — disse ela, esfregando o corpo no tórax largo do cavaleiro e se afastando. — Mais uma coisa: no plano físico, ela adotou o nome de Stephanie.

— Entendido. Permissão para me retirar, senhora? — o *venatus* juntou os calcanhares e fez uma continência rígida.

— Concedida. — respondeu ela, bocejando com um ar tedioso.

Ao sair do castelo e descer as escadas para o ar chuvoso, Balron tinha várias questões na mente. Com menos de cinquenta anos de pena cumprida no sétimo reino, ele já foi selecionado para a casta dos *venatus*, e foi sendo rapidamente promovido até chegar ao posto de cavaleiro. E após oito séculos cumprindo missões de caça na Terra, nunca havia recebido uma ordem de eliminar um fugitivo. Sempre ordenavam que eles fossem trazidos com vida, para serem julgados por um dos três juizes na cidade de Dite. Demônios adoravam torturar fugitivos mais do que almas condenadas. Se a tal Stephanie estava com a cabeça a prêmio, é porque ela deveria ter uma grande importância. Mas não cabia à um militar como ele

pensar sobre as ordens emitidas, apenas cumpri—las à risca, igual a todo bom soldado.

# Capítulo II

## Batalhão de Caçadores de Monstros

Brasília, Distrito Federal, 03 de Maio de 2048.

Mais uma vez, em menos de um ano, o professor Medeiros estava passando por todos os procedimentos de segurança do Palácio do Planalto, antes de ser admitido no gabinete do presidente. Meses atrás ele esteve ali, para discutir sobre assuntos comuns aos dois; criaturas das trevas. Ambos, professor e o presidente Andrade eram magos, discípulo e mestre respectivamente, e tinham como missão na Terra caçar qualquer criatura que ameaçasse a existência humana ou o sigilo sobre o mundo sobrenatural. Medeiros também era colaborador do mestre lobisomem Kouta Kurokami no treinamento de jovens lobos na Fazenda das Folhas Douradas.

Na última visita, ele saiu do gabinete com o convite inusitado do presidente para que ele assumisse nada menos que o cargo a ser criado de *premier*, o Primeiro-Ministro da República. Logicamente ele recusou, política nunca foi o seu forte. Desde os tempos de colégio nunca havia ganhado ou ao menos se candidatado a nenhum cargo elegível, seja de

presidente de turma ou tesoureiro. Na escola de formação militar e na carreira posterior não foi diferente, já que sua política pessoal era sempre se manter *na moita*, ou seja, longe do centro das atenções. Somente entre os poucos magos, caçadores e lobisomens no Brasil, o professor era conhecido e visto como uma espécie de líder sábio, e para ele aquilo já bastava.

— Ah, Medeiros, bem-vindo novamente! – exclamou o presidente Andrade, com um copo de uísque sem gelo na mão, sentado em sua poltrona na sala de conferências. – Como foi a viagem de Genebra para cá?

— Tranquila, senhor. – respondeu o professor, com a expressão tão tranquila quanto disse.

— E a reunião do *Conselho*? Gostou? Um bando de velhos medrosos e falastrões, não é mesmo?

— Nem todos são velhos. Tem a senhorita Burke, a delegada Consuela e...

— Eu sei, Medeiros! Conheço bem os outros membros! – disse o presidente com impaciência. — Mas apesar de o mais jovem ali ter trinta e cinco anos, todos nós, magos, temos almas de velhos de cento e cinquenta.

Não deixava de ser verdade, pensou o professor. Ainda mais no *Conselho de Salomão*, uma reunião de doze magos do mundo todo, que decidia assuntos de sigilo extremo. Era a mais antiga e poderosa sociedade secreta do mundo, fundada pelo próprio rei bíblico Salomão, conhecido pelos cristãos, judeus e muçulmanos por sua sabedoria e pelos magos por seu poder. Uma das doze cadeiras do *Conselho* era do presidente Andrade. Porém, em mais uma atitude imprevisível, ele havia passado o lugar para seu único discípulo, o professor Medeiros.

— Fiquei surpreso ao saber que o atual líder é o próprio Papa João Paulo III! – disse Medeiros.

— Por isso a reunião foi na nova sede do Vaticano, na Suíça. – respondeu o presidente, enchendo com mais uísque seu copo até a metade. O Vaticano antigo, assim como quase toda a Itália, havia sido varrido do mapa na Grande Hecatombe de 2012, uma tragédia global que dizimou cidades e bilhões de pessoas. – E o teor da reunião?

— O senhor não sabe? – o professor franziu o cenho, intrigado. Apesar de não fazer mais parte, com certeza ele seria informado do teor da reunião.